

Do patrimônio musealizado à produção de exposições por estudantes de escolas públicas

Alyne Mendes Fabro Selano^{*}
Benilson Mario Iecker Sancho^{**}

Recebido em: 20/10/2018
Aprovado em: 18/02/2019

* Mestre em Ensino de História pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em Ensino de História, Mestrado Profissional-Profhistória UERJ. Email: alyne.historia@gmail.com.

** Mestre em Ensino de História pelo Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Programa de Pós-Graduação em Ensino de História, Mestrado Profissional-Profhistória da Universidade Federal Fluminense (UFF). Email: besancho@hotmail.com.

Resumo

O processo e o produto construídos na experiência formativa do Mestrado Profissional em Ensino de História (PROFHISTÓRIA) resultou, além de textos dissertativos, duas exposições protagonizadas por estudantes de nono ano do ensino fundamental de escolas públicas: *Nosso espaço, nosso tempo* e *Maré de Cidadania*. Experiências pedagógicas que se constituíram na interface entre escola, museu e universidade. Buscou-se apresentar experiências de valorização de memórias pessoais e familiares, bem como de objetos pessoais e de espaços comunitários e musealizados.

De um lado, a experiência ocorrida no Instituto de Educação Governador Roberto Silveira (IEGRS), no município de Duque de Caxias, deu oportunidade aos estudantes de interferirem no espaço de memória criado pela direção daquela instituição. De outro, o Museu da Maré se constituiu como o epicentro da ação pedagógica, ao inspirar e receber uma exposição sobre cidadania criada pelos estudantes da Escola Municipal Nerval de Gouveia, situada naquela região do município do Rio de Janeiro.

Palavras-chave

Ensino de História; patrimônio; memória; museu e cidadania

Abstract

From the process and the final result achieved in the experience of Mestrado Profissional em Ensino de História (PROFHISTÓRIA) derived, besides essays, two exhibitions starred by ninth grade students of public schools: *Nosso espaço, nosso tempo* and *Maré de cidadania*. They are pedagogical experiences that constituted the interface between school, museum and university. It was tried to provide experiences of valuing personal and family memories, besides personal objects, community and musealized spaces.

On the one hand, the experience that took place at the Instituto de Educação Governador Roberto Silveira (IEGRS), placed on the municipal district of Duque de Caxias, provided the students a chance to interfere in the memory space elaborated by the leaders of the school board; on the other hand, the Museu da Maré took the core place of pedagogical action, by inspiring and hosting an exhibition about citizenship, developed by students of Escola Municipal Nerval de Gouveia, based on the region that gives name to the museum, inside the domains of Rio de Janeiro city.

Key words

History Teaching; museological heritage; memory; museum and citizenship

Do patrimônio musealizado à produção de exposições por estudantes de escolas públicas

O processo e o produto construídos na experiência formativa do Mestrado Profissional em Ensino de História (PROFHISTÓRIA), sob fomento da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) sobretudo ao longo do ano de 2015, resultou em, além de textos dissertativos, duas exposições protagonizadas por estudantes de nono ano do Ensino Fundamental de escolas públicas: *Nosso espaço, nosso tempo* e *Maré de Cidadania*. Experiências pedagógicas que se constituíram na interface entre a escola, o museu e a universidade, que se originaram de reflexões sobre museu escolar, patrimônio, memória, cidadania, identidade, diferença, culturas e pertencimento.

Se por um lado, a experiência ocorrida no Instituto de Educação Governador Roberto Silveira (IEGRS), no município de Duque de Caxias, deu oportunidade aos estudantes de interferirem no espaço de memória criado pela direção daquela instituição, por outro, o Museu da Maré se constituiu como epicentro da ação pedagógica, ao inspirar e receber uma exposição sobre cidadania criada pelos estudantes da Escola Municipal Nerval de Gouveia, situada naquela região.

Tendo em vista a centralidade da dimensão coletiva da construção, tanto das exposições como dos textos dissertativos, compartilhamos a autoria com nossos orientadores, a Profa. Dra. Carina Martins Costa e Prof. Dr. Everardo Paiva de Andrade, bem como com os estudantes envolvidos nas experiências pedagógicas aqui compartilhadas.

A exposição *Nosso espaço, nosso tempo*

A parceria entre o Centro de Pesquisa, Memória e História da Educação de Duque de Caxias e Baixada Fluminense (CEPEMHed) e a direção do IEGRS possibilitou a conservação do acervo e a montagem do Instituto Histórico da escola que, em 2006, foi organizado como uma sala de troféus, mas que, a partir de 2012, abrigou uma exposição que reuniu objetos e documentos da escola acerca das décadas de 1960, 1970 e 1980. Esse acervo foi selecionado à partir do olhar da direção para esse passado que se desejava evidenciar.

Através de provocações relacionadas aos temas de educação, patrimônio, memória e poder, propusemos, a partir de 2014, percorrer um caminho de reflexão e

análise desse espaço musealizado da escola através da pesquisa-ação, e iniciamos a construção de uma nova exposição, fruto das escolhas do grupo de estudantes envolvidos na experiência pedagógica.

A experiência se iniciou procurando realizar uma pesquisa inicial para detectar qual era a noção de patrimônio compreendida pelos estudantes das duas turmas de nono ano da escola. Após essa etapa, procuramos compreender e revelar os diferentes olhares que eles possuíam da escola. Através de fotografias, os estudantes foram convidados a expor seus pontos de vista sobre o espaço escolar.

Seguimos para a construção da exposição com dezessete estudantes, que se voluntariaram para participar das etapas seguintes do trabalho, iniciado no nono ano, mas que só terminou quando esses estudantes já cursavam o primeiro ano do ensino médio, na modalidade formação de professores.

Com o grupo já formado, e pensando no processo educativo que envolve a questão do patrimônio como instrumento de reflexão histórica, destacamos ao longo do processo, como provocações, o que seria importante o estudante compreender. Para tanto, suscitamos questões sobre o patrimônio cultural. A escola pode ser considerada um patrimônio? Que referências relacionadas ao patrimônio estariam evidentes na escola? Quais objetos poderiam estar ali expostos? Que tipo de discurso poderia estar presente no Instituto Histórico do IEGRS?

Utilizamos as proposições de Francisco Régis Ramos quando ele destaca que, ao assumir a condição de objeto exposto, qualquer objeto entra em metamorfoses que dependem dos modos pelos quais as memórias são historicamente constituídas.¹ Afinal, o museu não se define simplesmente como lugar de guardar e expor artefatos. Antes de tudo, o que acontece no espaço museológico é a metamorfose de objetos, em simbiose com o poder da memória e a memória do poder nas suas mais variadas manifestações.

Nesse sentido, problematizamos os interesses da escola em salvaguardar a memória institucional, refletimos sobre as tessituras da memória no Instituto Histórico do IEGRS. Analisamos as narrativas da direção e dos ex-alunos através de uma roda de conversa, e dos estudantes atuais sobre a memória da escola, para compreendermos melhor a cultura escolar ali configurada. Por fim, estimulamos todos a contribuírem com objetos pessoais relacionados ao espaço escolar e a criarem suas narrativas sobre eles.

Refletindo sobre as experiências de Sônia Regina Miranda² a respeito do indivíduo e os espaços museais, concordamos que nesse espaço estabelecem-se múltiplos planos de comunicação entre o visitante e os objetos que o compõe. Sendo assim, entendemos que, quando há oportunidade, o estudante torna-se capaz de construir sentidos próprios nessa relação.

A experiência que vivenciamos trouxe reflexões a respeito do ensino de História, pois trabalhar com educação patrimonial estimulou a apropriação da educação em espaços não-formais e destacou-se a importância da mediação do professor no sentido de legitimar experiências cidadãs. Isso permitiu que esses estudantes compreendessem os espaços de lutas que se configuram em nossa sociedade.

Sendo assim, ao propor uma exposição para compor o espaço do Instituto Histórico que está dentro da escola, e sob uma perspectiva de visão do estudante, evidenciamos que novas propostas educacionais são importantes para estimular o engajamento desses estudantes e para estimular cada vez mais os questionamentos, as problematizações e a valorização do saber escolar.

Compreendemos que a dinamização desse lugar é um caminho para que ele seja tomado por quem lhe é de direito, os estudantes atuais — e que eles sejam multiplicadores de ações relacionadas às suas vivências no espaço escolar, para que a escola não seja vista de forma desconectada da comunidade em que está inserida e que produza sentimentos de pertencimento, promovendo ações positivas.

Para Maria de Lourdes Parreiras Horta, a partir de um processo de descoberta, a experiência direta em museus possibilita aos envolvidos o conhecimento, a apropriação e a valorização de sua herança cultural.³ Porém, vamos além e afirmamos que não somente isso — essas experiências podem, sobremaneira, despertar a consciência do indivíduo enquanto ser humano inserido em um meio social que necessita de suas reflexões e intervenções. Horta fala em *preservação*, nós sugerimos também *ação*.

No desenvolvimento da exposição foi importante que os estudantes se apropriassem do processo de construção desses espaços e que percebessem que a escola está inserida nesse movimento de tentativa de preservação. Porém, o lugar destinado às memórias da educação, na nossa percepção, não deve ser estático, e sim um espaço dinâmico, híbrido, criativo e que contribua para o processo de ensino/aprendizagem.

Para a História como disciplina, esse espaço foi utilizado como um espaço de representatividade, para compreender a formação da escola como instituição dentro da

própria região de Duque de Caxias. Isso numa abordagem relacionada à história local que, além disso, abriu possibilidades para a análise de como esses estudantes estabelecem a relação entre presente-passado, por exemplo, através da dinâmica com o mimeógrafo e a impressora, a máquina de escrever e o computador.

Foram inúmeras possibilidades que se abriram no exato momento em houve a mobilização desse espaço, que, inclusive, pode e deve ser explorado por outras disciplinas. Ora, se a escola é um espaço dinâmico, de mudanças, criatividade e produção, um “museu escolar” não pode acompanhar tal ritmo? O que impediria tal conexão entre estudantes e museu?

Questionou-se, portanto, a função do Instituto Histórico do IEGRS e sua exposição permanente desde o ano de 2012 diante de sua dependência do CEPEMHEd, que distancia a comunidade escolar dos processos de pensar e repensar esse espaço musealizado. Diante disso, encontramos relevância no percurso desse trabalho, pois compreendemos que os museus são espaços destinados ao que é humano e são excelentes espaços para reflexão e sensibilização.

Caminhando com os estudantes, buscamos compreender como as escolhas ali determinadas aconteceram – Por que? Por quem? Com qual intenção? E problematizamos se ali caberiam as memórias selecionadas pelos estudantes atuais.

Em muitos momentos, para estimular e valorizar o olhar desses estudantes sobre tantas proposições, utilizamos a fotografia como expressão norteadora do trabalho, por considerar que ela, como um aspecto artístico, pode auxiliar no entendimento das complexidades do humano. Para Néstor Canclini, “a arte engloba as atividades de uma cultura em que se trabalha o sensível e o imaginário, com premissa em alcançar o prazer e desenvolver a identidade simbólica de um povo (...).⁴

Sendo utilizada como um recurso artístico, a fotografia nos permite analisar a sensibilidade do olhar do outro sob determinados aspectos. E sabendo que ela exerce, no adolescente do século XXI, um certo fascínio, procuramos possibilitar que eles registrassem a sua relação com o espaço escolar de forma espontânea.

Cabe ressaltar que, ao registrar, também lidamos com operações entre o lembrar e o esquecer e é essa escolha que problematizamos. Aprofundando as reflexões, percebemos que o registro fotográfico pode ser considerado uma linguagem, uma experiência estética e, no caso das experiências relativas à pesquisa, o autor dessa linguagem é o próprio aluno.

Para Ana Maria Mauad, ao utilizar a fotografia como fonte é necessário “(...) entender que, numa dada sociedade, coexistem e se articulam múltiplos códigos e níveis de codificação, que fornecem significado ao universo cultural dessa mesma sociedade”.⁵ Com isso, é importante compreender que a fotografia vem a ser o resultado de um processo de construção de sentido, sendo esse um sentido social.

O caminho percorrido através das dinâmicas foi escolhido na tentativa de compreender o olhar desse estudante sobre questões relacionadas à cultura escolar que são naturalizadas em seu dia a dia, permitindo discussões e reflexões sobre essa relação que ele possui com esse espaço. Essa dinâmica aprofundou o nosso olhar a respeito do indivíduo enquanto aluno e aluna do IEGRS, e contribuiu para desmistificar a ideia de que eles não estabeleciam vínculos com a escola. Demonstrou que existe por parte deles o desejo de apropriação e reconhecimento da escola como um espaço de socialização e sociabilidade.

Optamos por elaborar uma exposição em dezessete passos, caracterizados pelo símbolo da # (hashtag), comumente utilizada nas redes sociais para dinamizar as informações. O uso do símbolo se refere ao fato do jovem de hoje estar cada vez mais conectado à internet. Cada título relacionava-se aos assuntos explicitados ao longo do percurso da exposição.

Um exemplo das hashtags utilizadas foi #IEGRS_mostra_a_tua_cara!, uma montagem com os rostos dos estudantes do IEGRS. Vários alunos emprestaram seus olhares e sorrisos para que pudéssemos evidenciar a diversidade e a beleza existentes no espaço escolar. A hashtag #Especial_é_a_educação trazia um quadro pintado pelas alunas representando as turmas de educação inclusiva existentes na escola. Um terceiro exemplo foi #Quem_é_ele?, com foto e texto sobre Roberto Silveira. Essa etapa foi pensada porque na escola o patrono é pouco lembrado. Já a hashtag #Luto_pela_educação era uma faixa produzida pelos alunos, assim como o quadro pintado com os “desejos dos alunos” para o futuro. Por fim, o título, *Nosso espaço, nosso tempo*, marcando a autonomia adquirida pelos estudantes ao longo do processo.

Acreditamos que a exposição cumpriu o papel a que se propôs inicialmente, uma vez que possibilitou o diálogo entre as diversas temporalidades ali presentes e permitiu que esses estudantes se apropriassem do espaço, dinamizando-o. Afinal, conforme destaca Walter Benjamin, “qual o valor de todo nosso patrimônio cultural, se a experiência não mais o vincula a nós?”⁶

A exposição Maré de cidadania

A experiência procurou inicialmente detectar em que medida os estudantes, moradores da região da Maré, incluíam memórias pessoais e patrimônios comunitários quando acionavam o conceito de cidadania, e em que medida se viam representados em museus.

Buscamos promover vivências marcadas pela relação apropriação/pertencimento. Para tanto, realizamos atividades que procuraram dar visibilidade aos objetos familiares dos estudantes, seus espaços comunitários compartilhados e aos patrimônios dos museus Histórico Nacional e da Maré, cujo objetivo foi ampliar o olhar dos estudantes para o tema do patrimônio e por consequência da cidadania.

A partir das reflexões propostas por Abreu e Chagas⁷ procuramos reconhecer valores patrimoniais nas memórias pessoais e comunitárias dos estudantes, compreendendo as relações de poder que se situam nas disputas por espaços de visibilidade, principalmente quando tratamos de patrimônios musealizados. O “poder da memória”,⁸ sugerido por Mário Chagas, representou um pilar na inclusão de referências patrimoniais comunitárias. A dimensão poética dos museus é sugerida também como potencializadora de construção de novos sentidos e significados.

Em Ramos,⁹ olhar e pensar objetos ganha centralidade e é nessa perspectiva que a pesquisa buscou refletir sobre a materialidade, dentro e fora do museu, como geradores de novas interpretações e sentidos, sugerindo que os objetos potencializam referências à História e à memória. Tais objetos, portanto, podem ser pensados, não apenas como um lastro fragmentário da realidade social-histórica, mas como corpo sobrevivente, passível de questionamentos à luz da realidade social à qual os estudantes pertencem.

O par experiência/sentido, sugerido em Larrosa,¹⁰ nos permitiu qualificar nosso trabalho enquanto ato político, estético, híbrido, autônomo, singular e coletivo, de memória e de direitos, flexível, aberto e até contraditório. Isso criou condições para que os estudantes, enquanto protagonistas da experiência, experimentassem, pela via do ensino de História, e a escola enquanto um modo de habitar, o fazer e o se fazer no mundo.

A pesquisa inspirou-se inicialmente em três questões. Que patrimônios nós, professores de História da escola pública do Rio de Janeiro, temos apresentado aos estudantes quando tratamos o tema cidadania? Seriam aqueles herdados de uma tradição coletiva, construídos de forma comunitária, impregnados de valores solidários e que remetem às memórias das comunidades onde os estudantes estão inseridos, ou seriam objetos de grande impacto visual, assinados por renomados artistas e expostos em salões imponentes de grandes instituições culturais? Oferecemos aos estudantes experiências de valorização de memórias pessoais, familiares e comunitárias, bem como de objetos pessoais e de espaços comunitários na tessitura do conceito de cidadania, ou nos limitamos a tratar o tema por uma perspectiva abstrata, teórica e conceitual, restrita ao ambiente da sala de aula, ao livro didático e à exposição oral do professor?

A partir de tais indagações incluímos outras questões, específicas para a pesquisa. A visita dos estudantes aos museus Histórico Nacional e da Maré, com diferentes concepções museais, pode contribuir para tornar significativo o ensino de História, ampliando a visão e a compreensão dos estudantes para os temas do patrimônio e, por consequência, da cidadania? A articulação dos patrimônios musealizados dos museus da Maré e Histórico Nacional pode contribuir para o fortalecimento de sentimentos de pertencimento dos jovens concluintes do ensino fundamental? O contato com o patrimônio do Museu da Maré permitiria sensibilizar os estudantes para a diversidade do direito de ser, viver, estar e conviver em sociedade? Em que medida a valorização de memórias pessoais dos estudantes, mediadas por uma exposição coletiva e autoral, constitui-se em uma ação pedagógica com forte vínculo solidário?

Alguns marcos metodológicos foram apontados como referências que pudessem sugerir uma trajetória a ser seguida. A gestão compartilhada das aulas e da experiência pedagógica com os estudantes exigia certa abertura na definição do caminho a ser trilhado, garantindo que as sugestões dos estudantes pudessem também indicar e alterar caminhos a serem percorridos.

Optamos por utilizar um dos três tempos semanais destinados às aulas de História para desenvolver a experiência, o que ocorreu durante todo o ano letivo de 2015. É preciso destacar que construímos pontes entre as aulas relacionadas ao cumprimento do currículo formal para o ensino de História e a experiência de se construir uma exposição autoral, coletiva e solidária sobre a cidadania.

A partir do livro *Cidadania no Brasil: o longo caminho*, de José Murilo de Carvalho,¹¹ iniciamos a discussão teórica do conceito de cidadania, incluindo suas diferentes dimensões, como a civil, a política, a social, a cultural, entre outras. No segundo momento, refletimos sobre o pertencimento por meio de uma dimensão individual. Para tanto, procuramos valorizar objetos pessoais e construir novas leituras sobre eles, incluindo narrativas próprias dos estudantes e de suas famílias.

O passo seguinte foi o de pensar o pertencimento através de uma dimensão coletiva e, para tanto, buscamos reconhecer, na comunidade, espaços de sociabilidade que agregassem valores positivos. Elegemos a passarela 12 (que cruza a Av. Brasil e permite o acesso dos estudantes à escola), o piscinão de Ramos e a escola. A seguir realizamos visitas aos museus Histórico Nacional e da Maré, onde registramos, por fotografia de celular, objetos que sugerissem sentidos de cidadania.

Na sequência realizamos as oficinas de criação (colagem, pintura, fotografia e instalação) onde procurou-se incluir referências relativas ao mundo de experiências dos estudantes e às ações desenvolvidas no projeto em curso. As oficinas representaram o momento prático e criativo da experiência, onde foram construídos diversos materiais que procuraram revelar o conceito de cidadania, visando a produção da exposição *Maré de Cidadania*.

A construção de espaços de comunicação e de visibilidade de cada etapa da experiência se deu com a criação de uma comunidade no Facebook e de um caderno de memórias, além da comunicação direta na rotina das aulas de História. Tais espaços contribuíram para que a gestão das aulas fosse compartilhada, imprimindo maior participação dos estudantes nas ações que estavam em curso, bem como maior comprometimento com a proposta, uma vez que se viram incluídos nas definições dos caminhos a serem percorridos. Este fato caracterizou a democratização daquilo que se considerava pertinente de ser lembrado ou esquecido quando tratamos o tema cidadania.

Os objetos pessoais dos estudantes foram apresentados em sala de aula e com eles muitas histórias e memórias compartilhadas. Analisamos também a materialidade, a temporalidade, a funcionalidade original, os novos sentidos e significados dos objetos, bem como os prováveis motivos da permanência deles nas famílias.

Os estudantes contaram histórias, mobilizaram memórias das famílias e justificaram a escolha dos objetos. Posteriormente, eles foram separados por materialidade: cerâmica, vidro, metal e plástico. Analisamos os recursos naturais

necessários na fabricação e refletimos sobre a cadeia de produção, a exploração do trabalho e o trabalho solidário como dimensões da relação produção e consumo.

A cada etapa da experiência priorizamos ações marcadas pelo par apropriação/pertencimento, o que tornou possível ampliar o olhar dos estudantes para o tema do patrimônio e da cidadania. A prática criou espaços de experiências caracterizados pelo exercício do direito à voz, à memória e à inserção de patrimônios socialmente inclusivos, tendo no diálogo a base das decisões daquilo que seria pertinente para compor a exposição *Maré de Cidadania*.

A experiência de selecionar e registrar por fotografia objetos dos museus Histórico Nacional e da Maré potencializou sentidos diferentes daqueles construídos quando da seleção de objetos pessoais e familiares. Isto porque, ao serem legitimados por instituições museais, ganharam sentidos de patrimonialização, como nos recomenda Gonçalves¹² e, portanto, sugeriram valores coletivos a serem experimentados e compartilhados, além de explicitarem fortes relações de poder.

As oficinas de criação caracterizaram-se como exercício de solidariedade e liberdade, na medida em que as aptidões e talentos individuais foram respeitados e valorizados, contribuindo para a construção de uma narrativa coletiva sobre a cidadania. A autonomia na produção da exposição permitiu que emergisse uma diversidade de elementos simbólicos, potencializando múltiplas leituras e diferentes pontos de vista sobre o assunto.

Discutir o tema cidadania constitui compromisso político e ético da escola, numa sociedade onde muitos direitos estão restritos ao mundo jurídico, sem, contudo, afetar o cotidiano daqueles que se encontram em situação de vulnerabilidade social. A *Maré de Cidadania* procurou criar espaços onde o novo e o inusitado fossem valorizados pelo professor, despertando nos estudantes relações de cumplicidade e confiança, produzindo, assim, novos sentidos para o ensino de História.

Conclusão

O processo de produção das exposições *Nosso espaço, nosso tempo* e *Maré de Cidadania*, ao permitirem repensar a prática de ensinar História dentro do ambiente escolar — tornando-o um campo aberto e repleto de novas possibilidades de construção de significados sobre o tema do patrimônio, despertando a curiosidade dos estudantes e instigando-os a revelarem suas opiniões num ambiente de confiança e liberdade — potencializou a troca e a produção de novos saberes.

A ação de construir com eles exposições que tratassem das suas demandas foi interessante no sentido de perceber como eles passaram a ter visibilidade junto à comunidade escolar.

Se, em muitos casos, nas situações em sala de aula, esses estudantes eram vistos como apenas números na chamada, ao saírem desse ambiente para atuarem no Instituto Histórico do IEGRS e no Museu da Maré, revelaram traços de personalidades e habilidades distintas, fortalecendo identidades e sentimentos de pertencimento com relação às escolas, às comunidades e aos patrimônios mobilizados quando da produção das exposições.

Tomamos também por pressuposto que os saberes ensinados são fruto de uma cultura escolar que apresenta marcas das práticas de referência e, portanto, permitiram ampliar o olhar dos estudantes para os seguintes temas: direito e cidadania, patrimônio e pertencimento, memória e poder, criando condições para que suas vozes fossem amplificadas e suas ideias potencializadas na exposições que foram realizadas.

As experiências pedagógicas relatadas procuraram criar espaços onde o novo e o inusitado fossem valorizados pelo professor, despertando nos estudantes relações de cumplicidade e confiança, e produzindo novos sentidos para o ensino de História.

Ao incentivarmos a construção de um discurso poético, estético, coletivo, solidário e autoral nas exposições, permitimos que narrativas divergentes daquelas tradicionalmente compartilhados nas aulas de História ganhassem espaço e potencialidade. Acreditamos que o professor, neste ambiente de respeito e liberdade, ao usar sua autoridade para legitimar outras perspectivas sobre cidadania, patrimônio e direitos, estará democratizando o espaço da sala de aula e promovendo, pelo diálogo, olhares mais amplos sobre esses temas tão caros ao ensino de História.

As experiências de produção de exposições, bem como a escrita das dissertações permitiu-nos compreender o papel e a relevância do ensino de História vinculado aos patrimônios musealizados, sem negligenciar as relações híbridas com o mundo de experiência dos jovens estudantes, bem como com o currículo formal para o ensino de História.

¹ RAMOS, Francisco Régis Lopes. *A danação do objeto: o museu no ensino de História*. Chapecó: Argos, 2004.

² MIRANDA, Sonia R. "Formação de professores e ensino de História, em limiares de memórias, saberes e sensibilidades". *Revista História Hoje*, v. 2, nº 3. Natal: ANPUH, 2013, p. 149-167.

³HORTA, Maria. de Lourdes. P; GRUNBERG, Evelina; MONTEIRO, Adriane. Q. *Guia básico de educação patrimonial*. Brasília: IPHAN/Museu Imperial, 1999.

⁴CANCLINI, Nestor. G. “O patrimônio cultural e a construção imaginária do nacional”. *Revista do IPHAN*, nº 23. Rio de Janeiro: Iphan, 1994, p. 94-115.

⁵MAUAD, Ana Maria. “Através da imagem: fotografia e História: interfaces. *Tempo*, v. 1, nº 2. Niterói: UFF, 1996, p. 73-98.

⁶BENJAMIN, Walter. *Obras escolhidas, v. 1. Magia e técnica, arte e política. Ensaaios sobre Literatura e História da Cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1987.

⁷CHAGAS, Mario de S.; ABREU, Regina. “Museu da Maré: memórias e narrativas a favor da dignidade social”. *Musas. Revista Brasileira de Museus e Museologia*. Rio de Janeiro: Iphan, 2007, p. 129-152.

⁸CHAGAS, Mario de Souza. “Memória e poder: dois movimentos”. *Ensaaios de Museologia*. Lisboa: Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias. Estudos Avançados de Museologia, 2011, p. 2-27.

⁹RAMOS, Francisco Régis Lopes. Op. cit.

¹⁰LARROSA, Jorge. *Tremores. Escritos sobre experiência*. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

¹¹CARVALHO, José Murilo de. *Cidadania no Brasil. O longo Caminho*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 3ª ed., 2002.

¹²GONÇALVES, José Reginaldo Santos. “Ressonância, materialidade e subjetividade: as culturas como patrimônio”. *Horizontes Antropológicos*, ano 11, nº 23. Porto Alegre: 2005.